



# A força da língua

**N**ão tenho sentimento nenhum político ou social”, disse Bernardo Soares. A passagem é bem conhecida. Ouvimos com devoção o “desassossego”. “Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa”. Mas o autor acrescenta, quase ironicamente: “Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em quem se bata, o ortografia sem ípsilon, como o escarro direto que me enoja independentemente de quem o cuspiu. Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa, vista e ouvida”.

Que nos diz Pessoa afinal? Que a expressão da língua tem a ver com a sua humanidade. A comunicação existe para definir a vida das pessoas e da sociedade. Mais do que qualquer circunstância política ou social, a cultura afirma-se no largo prazo – e a nossa relação com a palavra e a língua é fundamental para definir quem somos. A língua tem valor significativo. “A palavra é completa, vista e ouvida”. E Bernardo Soares joga com essa relação, inserindo-a na própria vida. Aí está o sinal da cultura que transforma a natureza. E o certo é que em cada palavra há sempre uma longa história: a origem etimológica, a evolução semântica, a ligação às coisas e loisas da vida comum, o paradoxo dos sentidos (que leva “nunc” a ser agora e a tornar-se nunca), a estética da representação gráfica (que levava Pessoa a recusar abismo sem ípsilon), a identificação do mundo e das pessoas e, no fundo, a capacidade de nos fazermos entender e comunicar.

Com uma notável intuição, o poeta define a sua pátria com ironia e certeza, e refere-a ao respeito das palavras e das ideias, que com elas se constroem. Por isso, não acusa os ignorantes, mas sim o resultado da ignorância, exigindo o respeito pela expressão rigorosa da palavra e da cultura, como transmissão da humanidade na vivência do tempo. E ouvimo-lo: “Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrav. As palavras são para mim corpos tocáveis, seres visíveis, sensualidades incorporadas”. E estremezia se diziam bem, se sabiam dizer! A expressão, a voz e a ênfase mudam tudo. E, ao ouvir, tremia “como um ramo ao vento num delírio passivo de coisa movida”.

Afinal, não basta a ligação formal entre língua e pátria. Há o corpo e a terra, a voz e o rosto. É preciso entender que o que está em causa é um dever, uma responsabilidade para com a palavra que recebemos e que legamos. É do “património imaterial” por excelência que falamos, que se confunde com a identificação das coisas e a expressão dos sentimentos – como o gosto do cozido ou da bola, do queijo e da canja, como o cantar dos alcatruzes ou a toada das camponesas, como o modo de vindimar as uvas e de varejar as amêndoas e os figos.

Que é o património senão essa comunhão entre pedras e gentes, entre costumes e ambientes, ontem e hoje, recebendo e recriando? Diria Pedro Homem de Melo: “A Pátria, realidade, / vive em nós, porque nós vivemos”. E Almada Negreiros, de modo desabrido: “Ainda nenhum português realizou o verdadeiro valor da língua portuguesa (...) porque Portugal, a dormir desde Camões, ainda não sabe o verdadeiro significado das palavras”.

É curioso que Bernardo Soares fale emocionadamente de Vieira (“Este, que teve a fama e à glória tem, / Imperador da língua portuguesa, / Foi-nos um céu também”). Trata-se do símbolo da maturidade da língua, exemplo do respeito sagrado pela palavra. E que será hoje o misterioso Quinto Império? Decerto nada que tenha a ver com poderes temporais ou com divisões blindadas. Decerto nada que tenha soluções imediatas para os problemas da dívida soberana e para a falência das economias de casino. E temos de estar alerta relativamente aos sentimentalismos que amolecem a vontade. Razão e sentimento encontram-se. O respeito sagrado pela palavra obriga a cultivarmos a dignidade do ser e do querer, a capacidade de encontrarmos os caminhos de emancipação e os antídotos contra a descrença e a autoflagelação.

Vieira, falando do “nosso” Santo António de Lisboa, dizia: “Não tem logo quem se queixar Portugal. Se António não nascera para o Sol, tivera a sepultura onde teve nascimento; mas como Deus o criou para a luz do mundo, nascer em uma parte e sepultar-se na outra é obrigação do Sol” (1670). A relação com a sociedade global não pode deixar-nos. Como no diálogo entre Todo o Mundo e Ninguém, de Mestre Gil (no *Auto da Lusitânia*), precisamos de fincar os pés na terra com a humildade necessária para podermos realizar – “semeia o agricultor em pouca terra o que depois há de dispor em muita”... O Império de Vieira e de Pessoa é hoje império do espírito, da língua e da palavra, partindo da ideia profética de comunhão universal dos povos cristãos para o desaparecimento universal da guerra e a ins-

tauração da paz universal – considerando a razão como limite do poder, temperando virtude teológica e prudência política. Utopia? Decerto que sim, mas se hoje falamos de respeito da palavra, falamos de fatores democráticos, em que insiste Jaime Cortesão, no seu humanismo universalista.

A cultura portuguesa não está só. Liga-se às outras culturas da língua portuguesa e tem de ser entendida como uma cultura multímoda, cujo caminho tem de coordenar e articular os objetivos heterogêneos do mundo da fala portuguesa. Lembrando o dilema fixação e transporte, temos de entender que o nosso déficit fundamental é ainda de aprendizagem e de capacidade inovadora. A língua e a cultura têm valor que importa aproveitar. A internacionalização da língua portuguesa é um ponto de especial importância. Temos de afirmar que a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) ainda é muito modesta no seu programa de valorização da língua como elemento fundamental de um impulso moderno de inovação e de criatividade. Há um largo espaço para o desenvolvimento da cooperação internacional relativamente às culturas de língua portuguesa, nos domínios académico, científico, formativo e

universitário, que tem de ser aproveitado – não apenas na lusofonia, mas atraindo novas atenções nos principais centros académicos e de cultura.

E impõe-se ainda incentivar a mobilidade de estudantes e professores de modo a que haja um maior diálogo entre culturas, num contexto multilinguístico, e um melhor conhecimento das culturas da língua portuguesa. Como afirmava Diogo Vasconcelos, que inesperadamente nos deixou, quando muito dele se esperaria: “A Europa precisa de mobilizar a criatividade coletiva para melhorar a sua capacidade de inovação... (...) É nos momentos de crise que podemos testar e criar novas soluções. São tempos para sermos frugais nos custos, mas exuberantes na criação de novos futuros possíveis”. JL



FERNANDO PESSOA NO MARTINHO DA ARCADEA



**O Império de Vieira e de Pessoa é hoje império do espírito, da língua e da palavra, partindo da ideia profética de comunhão universal**